Ano I

N.º 1

O MELRO

"Eu conheci-o,,

Quinzenário humorístico e literário

Propriedade da Empreza O MELRO

Guimarães, 15 de Março de 1914

DIRECTORES,
A. Leão Martins e Silvio Ramalho.
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO E ADMINISTRADOR,
Augusto Ferreira da Cunha.
EDITOR,
António José Pinto de Carvalho.
REDACTOR PRINCIPAL,
Eduardo Passos.

TODA A COLABOBAÇÃO É SOLICITADA

Redacção e Administração — Rua da Republica, 168

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranense
Rua de Paio Galvão

EXPLICANDO

Necessitando-se de há muito, em Guimarães, dum periódico humorístico e não havendo quem se resolvesse a apresentá-lo aos nossos ilustres vimaranenses, um grupo de cidadãos, havendo reunido, deliberou fazê-lo sair, neste dia, pela primeira vez.

Melro é o seu nome.

Será alegre e jovial e de quinse em quinse dias, logo ao despontar do dia, êle soltará trinados agradáveis, executará trechos recreativos que certamente devem causar admiração aos nossos presados leitores e amigos.

Embora irrequieto, travesso e folgasão, êle não insultará ninguêm, terá o máximo cuidado nos seus ditos e sôbre coisas que digam respeito a política pô-las há à de parte.

E' que o *Melro* deseja agradar a todos e por isso julgou conveniente não se enfileirar em nenhuns dos partidos existentes, porque isso lhe seria prejudicial.

O seu empenho consiste em fazer divertir um pouco o povo sisudo e pacato, fazendo-o acordar da acanhada letargia em que se conservava.

Também o corpo redactorial do presente quinzenário, de comum acordo, resolveu apresentar em todos os números duas secções: literária e charadística.

Será manso nos seus ditos engraçados, fará por evitar inimizades, finalmente, em tudo e por tudo será bem educado.

Mas se alguêm refilar e quiser meter o nariz onde não é chamado, então, caros leitores, o *Melro* tornar-se há preto, muito preto e o seu bico inocente logo mudará de côr, transformar-se há em amarelo e cantará, em voz grossa, asperamente, o que muito bem lhe aprouver.

Oxalá que por todos seja bem compreendido e recebido são as nossas aspirações.

E temos dito.

Entrevista com o sr. José Corrêa

No intuito de colhermos algumas notas sôbre uma viagem ao Brazil e sabendo nós que o sr. José Corrêa regressára, há mêses de lá, a sua casa nos dirigimos onde S. Ex.ª nos recebeu amavelmente, levando-nos em seguida para o seu escritório.

Depois de saber quais as nossas intensões o sr. Corrêa da melhor maneira se presta a informarmos.

—Quais as impressões da viagem ao Brazil? inquirimos.

—A viagem decorreu bem, muito bem, afora algumas peripécias.

E o nosso interrogado quedou um pouco de bater os queixos porque é defeituoso, isto é, prende-se lhe a lingua bastante, o que o obriga a descansar, de quando em vez.

Tomando fôlego continuou:

—Internados no navio lá fômos, mar em fora.

—O nome do vapor?

—*Avon*. Não, não foi... ora espere... e o nosso amigo olhava para o tecto a ver se encontraria por lá o nome do paquete que o transportára àquelas longínquas paragens.

Chamava-se o *Asturias*. E' isso! é isso! é que não me recordava. E o vapor cortava a água: era grande, talvez maior do que a minha casa, acredite. Aquilo é bem feito. Uma pessôa em olhando para êle parece ficar tola, doida. E depois não é só isso, há mais: fica-se a ouvir mal, quási surdo, compreende?

—Por quê? perguntamos admirados.

—Ora porque há de ser? imagine as rodas a trabalhar... assim... (e o nosso interrogado imitava:—Zás! Trás! Zás!) um canudo, um grande canudo a bufar: hu! hu! hu!! E o mar, as ondas! oh! as ondas de altas dimensões! não lhe digo nada! O sr. sabe o que é o inferno? pois era exactamente! parecia obra do diabo!

E quedou por momentos a pensar.

—Ah! diz o sr. Corrêa, repentinamente: lembro-me agora do nome do vapor. Não era o tal, é outro, um outro... que eu bem sei. Chama-se... ora espere... era... era... o *Veronese!!* E' isso! é isso!

—Não; naturalmente está iludido. O *Veronese* encalhou, em Matozinhos, dissemos nós.

—E' isso. Continuemos: sabe o que é horroroso?—o mar! o mar! o mar! disse o nosso amigo três vezes, esfregando as mãos. O sr. nunca viu o mar? naturalmente não faz idea, nem admira. O mar é grande, muito grande! cumprido, nunca termina, não tem fim! largo, estreito, umas vezes com fundo, outras vezes é... conforme os sítios!!

E o sr. Corrêa aconselhava-nos, entusiasmado:—há de vir ver o mar! o mar grande! para poder fazer idea! E tomava fôlego! muito ar!

—Por cima há outro mar distante, elevado... mais suave...

—Outro mar?

—Sim, o céu alto! e de bôca aberta, muito alegre, doido de alegria, olhava novamente para o tecto. E por mais que uma pessoa olhasse quer para longe, quer para perto, não via nada, nem casas, nem campos, nem árvores!! Acredite! é como lhe digo.

—E divertimentos? havia-os?

—Poucos, ou quási nenhuns. A bordo só muitos passageiros de diferentes nacionalidades: francêses, turcos, japonêses, italianos, inglêses, etc.

—E portuguêses?

—Só eu. De modo que não havia maneira de compreender uma palavra. Vi-me só. Pois se êles não me compreendiam!

—E a alimentação?

—Péssima: arroz crú; batatas pôdres; pão duro, de há um mês; vinho que parecia vinagre. Olhe: ainda o rancho que se distribue nos quarteis, aos militares, é superior.

—Passou fome, então?

Não! quem fala nisso! levava na mala uma grosa de malgas de doce; um caixão de garrafas de vinho verde; uma raza de nozes; dúzias de latas de bolachas; salpicões; carne de pôrco e de vaca e pão, muito pão.

Quer saber: várias vezes se apoderou de mim o receio da morte. Antes de embarcar tinham me dito que no alto mar apareciam estátuas, fantasmas diabólicos que matavam todos que por lá tentassem passar, que lhes tiravam os olhos, a lingua e lhes cortavam as pernas.

De noite não descançava, não punha ôlho.

—Quando chegou ao Brazil encontrava-se sonolento?

—Não senhor porque fechava os olhos, embora não dormisse.

—E das ondas não teve mêdo?

—Muito, imagine-se o amigo no mar largo, só, muito só, com ondas a vir, altas, sei lá de que altura! massas enormes de água imitando a Penha, ondas gingantescas que vinham bater de encontro ao casco do navio!! Não lhe digo nada! Era horroroso! E o vapor quási que tombava; e nós caíamos como embriagados. Porêm, o que me causou admiração, foi a consistência do casco, a dureza do pau!

—E os peixes?

—Peixes? cada um!! metia medo. Saltavam para fora um metro, dois, três, quatro, dez, talvez. Eram obstaculos que nos surgiam, de repente. Tubarões, muitos tubarões! Ah! recordo-me agora do nome do vapor:—é o *Titanic*.

—O *Titanic* não! incendiou-se, há anos!

—Então peço me desculpe porque não posso dizer-lhe o nome.

E enquanto que o sr. José Corrêa esfregava as mãos, a criada abre a porta e chama pelo nosso amigo que, depois de trocar palavras com a servente, nos diz que tem de sair.

Pedimos-lhe desculpa pelo encómodo e dirigimo-nos à redacção para escrever as suas impressões de viagem de recreio ao Brazil.

Galam.

Expediente

Pedimos a todas as pessoas a quem enviamos pela primeira vez o nosso jornal a fineza de o devolver caso não queiram assiná-lo.

No próximo número será melhorado o nosso jornal com um novo cabeçalho, original do académico Costa Carneiro.

Pelo buraco da fechadura

Imposição a um fraco

...Já disse; quero qne satisfaça os meus desejos — ríspidamente assim falava a mulher a seu marido, carregando o sobr'olho e suspirando desesperademente.

O homem, a um canto da sala, mudo de terror, cofiando o cabelo branco com as suas mãos venosas, sómente ousava lançar o olhar embaciado para a sua mulher, que em atitudes provocadoras, ameaçava a sua paciência, e zombava da sua velhice.

—Vá, satisfaça os desejos de sua mulher—torna impaciente a víbora desbragada, com requebras hábeis de dançarina chineza.

—Mas,... mulher,... filha... não posso—responde-lhe assim o homem em tom febril, gargan-

teando as palavras com medo de tempestade.

Impaciente, a mulher, como girassol de fogo prêso a rabo de vassoura, volteia desesperada em volta do marido, fazendo trejeitos de raiva e batendo o pé com ira endemoninhada.

Dá duas voltas mais, pára, remanga a blusa de fina cambraia, toma o entono de mulher de comício, e continua:

—Um homem nunca diz que não pode, nunca mostra a sua fraqueza; está sempre pronto a servir a sua bem amada. Vá, um sacrificio. Não seja piegas... E encurtando a volta, passa a sua fina mão scintilante de aneis, pela cara áspera e enrugada de seu marido, fazendo-o cair de susto num divan fôfo.

—Ah!... Ah!... Ah!... que fraqueza senhor meu marido, que fraqueza!...

O senhor não é um homem, porque se o fôsse, sacrificar-se ia, esforçar-se ia.

—Perdão, mas... a idade, a ruina deram cabo de mim. Vós bem o sabeis.

—Se não podieis satisfazer os caprichos duma mulher nova, porque sacrificastes ao tormento quem poderia ser feliz, nobre, invejada?

Desesperada, puxa uma cadeira, assenta-se em frente do marido, compõe na cabeça, um gancho dourado que segurava a cuia e continua:

—Vá, diga, responda, seu babujo. Nunca satisfez os meus desejos, nunca saciou a minha vontade. Reles, fracalhão.

—Mas... os teus desejos são sempre tam...

—Bons, precisos, indispensáveis.

—Se fôsses uma mulher...

—Indolente, velha, talvez que... Ora, ora, deixe-se de lamúrias, esforce-se, porque eu quero, eu desejo, eu...

—Não, filha, não posso dispor de...

—Basta. Ergue-se rápidamente, afasta com fôrça de atleta a cadeira, bate o pé na felpa brilhante do tapete, toma do cabide a estola comprida e quente, enrosca-se nela, e com um riso contrafeito de Lésbia provocada, diz:

—Senhor meu marido, não pode, não, paciência; vou ver se encontro quem possa. Toda sécia e lampeira, dispunha-se a abrir a porta, quando o marido, num bocejo longo, diz fazer um enorme sacrificio...

A estas palavras, a mulher volta-se, encara o marido, e declama com ênfase um pensamento filosófico, que como um laço rijo, a ambos os prendeu: ¿não sabes azêmola, que uma mulher sem chapéu, é como um animal sem cabresto?...

O marido quis dizer qualquer coisa, — talvez refutar o pensamento — mas um beijo extenso e doce cantou...

Curioso.

FALA D. AFONSO

Passando por acaso, no largo D. Afonso Henriques, num destes dias, um nosso reporter sentiu que uma voz o chamava: olhou para traz e com grande espanto viu que era o D. Afonso que lhe desejava falar. Então o nosso reporter aproximando-se, descobriu-se e dirigiu-se-lhe nestes termos:

—¿Vossa Real Magestade deseja alguma coisa?

—Sim, desejo; ponha o chapeu e esteja a seu gôsto! respondeu êle.

Peço-lhe a fineza de escrever lá no seu jornal que eu não me encontro em condições nada favoráveis à minha saúde. Imagine que durante o impertinente inverno môlho-me todo e necessitando de roupas para me enxugar não as possuo; porisso, entendo que será melhor mandar fazer-se um guarda chuva, mas reforçado, como o do Carvalho, por exemplo, que resista ao forte vento, a esta corrente insuportável que vem da penha.

Ainda ha dias não sei como pude suportar a diabólica ventania! ¡ Por um pouco que me deitava abaixo!

E' demais! Não posso viver assim; e se desejam ver-me aqui até a eternidade faça por conseguir-me um guarda vento. E na ocasião espirra e exclama:

—Estou constipado! Isto faz-me mal! Tambem empenho tenho em que V... faça ver à Câmara, ou ao proprietário do relógio que fica à minha esquerda que é uma necessidade mandá-lo concertar porque passo um martírio para saber as horas que são! Como muito bem sabe o da Oliveira não regula e êste fês gréve. Nada! isto assim não tem geito! Em minha casa estava melhor! quanto melhor!

Estava triste... muito triste...

E quási que chorava...

—Isto é fazer pouco de mim!

Peço providências para ser modificado o desenho da colucação dos lampiões que me circundam.

Dá ideia dum cortejo fúnebre. Parece o meu enterro! Tochas a ladear-me! Depois a Lourdinhas do Hotel executando ao piano composições lúgubres de Chopin; tomou um tal gôsto ao piano que não larga o teclado, sempre agarrada a êle. E o sino da igreja de S. Pedro sempre tocando! maldito sineiro que não faz outra coisa se não agarrar-se ao badalo!

Como sabe tudo isto encomoda.

E chorava...

Recordando-se ainda, disse:

—Imagine no verão, nesses dias de grandes calores, desde o nascer ao pôr do Sol, quási que sou queimado! E V..., se não lhe custa, faça ver no seu jornal ao meu povo que assim não me convem servir de espantalho em tais condições.

Faça-me estes favores!

Faça-me êstes favores que depois não ha de ficar mal. Olhe: posso arranjar-lhe o pôsto de senador cá na nossa Câmara. *Com menos conhecimentos do que os seus estão lá muitos.*

Vá! olhe se consegue! olhe se consegue!

Eis as últimas palavras que disse S. Altêsa ao nosso reporter que lhe prometeu que sim, que tudo se arranjaria, que estivesse descançado.

E o D. Afonso agradeceu muito, esperando ser atendido.

Com vistas ao município.

Galam.

O quê?

A pedido da benemérita Sociedade Protectora dos Animais a Câmara mandou construir uma fonte com bebedouros para bois, cavalos, porcos, cães e até... para moscas e formigas.

A artística fonte que é um *monumento de verdadeiro caracter nacional* é também uma honra para Guimarães por ser o primeiro trabalho de *fundição em pedra* que a fábrica de Massarelos deu à luz.

Pelo menos é o que se deduz do letreiro.

«Passagem do Bojador»

Na praia: ao pôr do Sol.

.....

Infante

Vós denodado sois, valente, audacioso
E não ousastes ainda?... E' mais que vergonhoso!
Gil Eanes: mas que tem o cabo Bojador?
Que susto vos infunde, ó gram navegador?
Assim que vós ao longe acaso o divisais
Invade-vos o mêdo e logo recuais...

Gil

Afirmam, meu Senhor, que para aqueles lados
Navios que passar tentem são 'spedaçados;
Que a terra, lá, ninguêm a poderá habitar;
Que toda ela fica inferior ao mar;
Que o possante Sol queima as praias escalvadas;
Que a ventania é forte e há grandes trovoadas;
Que a corrente impetuosa arrasta a gente à morte;
Marinhos sem naus maldizem sua sorte...

Infante

Espada não cingis?

Gil

De que vale, Senhor?
Não combate uma espada o cabo Bojador!

Infante

Oh! uma nada faz!!

Gil

Mesmo quarenta ou cem!
Receio de morrer os mais ousados teem!
Para quê combater as gentes infernais?
Não nos deixam dobrá-lo estátuas colossais!
Existe um tal receio, um tal mêdo, Senhor,
Que ninguêm ousará passar o Bojador.

Infante (meio impaciente)

Estátuas? quem as viu? por certo que ninguêm...

Gil

Dizem, caro Senhor, que recuado teem...
Mas não será tentar a Deus perseverar
Numa emprêsa arriscada e termos de voltar?
E depois... e depois!... São ameaças tantas...

Infante (com ardor)

Não; nossas intensões são puras e são santas!...
Que desejamos nós? O dominio alargar;
Nossa Fé aos confins do mundo propagar;
E tento conseguir meu sonho, o meu Ideal,
Em prol do meu País, do nosso Portugal!
Co'um piloto lançar-me hei num batel, sósinho,
E paragens em fora irei no meu caminho.
E os que hoje tremem meus passos sigam, então.

Gil (exaltado)

Não julgo assim. De tal não precisareis, não!
Sob a minha palavra, em presença do mar,
Juro que só depois do cabo ultrapassar,
Que só depois de ter dobrado o Bojador
A' Pátria voltarei, meu Augusto Senhor!

(*Continúa*).

Leão Martins.

Secção Alegre

Estando um militar de guarda a uma casa mortuária os colegas quiseram meter-lhe susto e, pegando num lençol e numa vassoura, foram ter com êle.

Ele armou baioneta e disse:

—Ah! maroto! salta p'ra dentro do caixão senão morres outra vez.

*

Uma saloia levou a pêndula dum relógio a um relojoeiro e disse:

—Oh! senhor! faz o favor concerta-me esta pêndula?

—Mas o que eu tenho a concertar é o relógio, disse o relojoeiro.

—Não senhor; o relógio trabalha; o que está parado é a pêndula.

Fan.

Charadas e Enigmas

Biforme

Na parte mais funda do rio existe uma prisão de ferro—2.

Maçada geográfica

Formar o nome duma terra portuguesa com as letras das seguintes palavras:

Lona do Petim

Tipográfico

K S—2

Combinada

1—cio—garrido
2—pe—tecido
3—cho—vaso
4—ma—verso
5—ta—liga

Movel

Decapitada

O—possue uma grande quantidade de—, que segundo dizem é—melhor que existe no género.

Em triângulo

**** leito
*** creada
** aqui
* vogal

Saltitante

1—2—3—4—5
3—2—4—5—1

Há hoje uma liquidação nos flancos.

No próximo número publicaremos os nomes dos decifradores.

Descanço das farmácias

Está aberta no próximo domingo a pharmacia Barbosa.

CONSTA QUE:

O sr. chefe da polícia vai dar ao *guarda civil n.º 28*, farda, espada, revólver, assobio e o competente ordenado pois é mais sagaz, astuto e inteligente do que alguns dos outros.

—Alguêm vai perguntar à digníssima Câmara Municipal de Guimarães se o proprietário daqueles *cafés* situados por baixo do jardim ao largo do Trovador, faliria.

—O sr. Vereador encarregado dos jardins vai levar a uma farmácia, a ver se ainda tem cura, um pobre banquito colocado num extremo do jardim principal que chegou ao mísero estado de perder as costas.

—Chegaram dois vagons de *basófia* em pó para os srs. ex-regente das escolas primárias e *Azul Verde*, da rua de S. Dâmâso.

—O sr. Guise querendo mostrar em público os maviosos sons da sua voz, apresentar-se há brevemente num dos teatros desta cidade, com a Canção da Margarida.

—Vai sofrer uma pequenina transformação o fraque do *Tomasinho*.

—Um sr. proprietário duma loja de calçado da Rua Nova vai oferecer a seu sobrinho uma sobrecasaca que usou enquanto regedor para êste fazer uso dela quando falar junto do túmulo de algum homem ilustre.

—Vão ser engomados os colarinhos dum proprietário do *Senhor dos Aflitos*, para não perderem a *tesura*.

—Vai ser untada com glicerina a careca dum senhor vendedor de tabacos, no Toural, para que na prôxima estação de verão aquelas malvadas môscas não abusem da bondade da mesma careca.

—Um senhor relojoeiro vai tirar exemplares do seu *formidável nariz* para oferecer aos seus amigos.

Mais um que dá esperanças...

E' da *ilustre pena X* o seguinte verso do primeiro terceto pertencente ao soneto *Trémulos*, publicado no *Comércio de Guimarães*, de 6 de Março de 914:

«Desabrocha a «Rosa» do baile o cálice de neve.»

Com certeza o sr. *X* é aluno do *mavioso Maduro de Atães!*

Deixe-se de fazer versos! ou diminua o vértice do compasso.

Sociedade do REDONDO

Sabemos que esta *agremiação* tenciona mandar, muito breve, para a Fundição de Massarelos, uma grande quantidade de *sócios* para resistir impetuosamente às *granadas*.

No próximo número apresentaremos aos nossos presados leitores, revelações desta *moderna sociedade*.

Concurso de formosura

¿Quem será a *mademoiselle* mais bonita, residente em Guimarães?

O Melro pede a opinião dos ilustres cavalheiros desta cidade por meio dum postal ou carta enviados à redacção: Rua da República, n.º 168.

No próximo número publicaremos os nomes das três senhoras mais votadas.

QUEM SERÁ?

Mancebo alegre, donairoso e na flor dos anos.

Mergulhado sempre em variada e fina doçaria, com que vai amaciando o organismo, e mimoseado de quando em quando pelas meiguices e carinhos do belo sexo, leva uma existência feliz, consoladora, quási divinal...

Frequentador assíduo da rua do Dr. José Sampaio, aonde vai visitar um balcãosinho de *jacintos* e violetas, todo perfumado, todo florescente; há mesmo quem o tenha visto de joelhos, resando «*Glórias* e Avés-Marias» para que Deus lhe proteja aquele pequenino jardim dos temporais e furacões dêste mundo.

Tem amigos notáveis e ilustres entre a primeira sociedade do mundo, e senão tenha-se em vista a sua dedicação mais que fraternal, inexcedível pelo distinto e nobre *rei da Grécia*, conhecido na história pelo cognome de «Cristas».

Não o conhecem? *C'est le...*

Castor.

Secção literária

A Sombra

A' meia noite lúgubre, soada com lentidão no relógio imenso da catedral velha, era certa a minha passagem vagarosa por sob a mesma janela florida, como um balcão gentil da Edade Média!

Naquela rua negra, solitária, triste, onde o luar se escoava como um trovador fecundo e fazia alastrar de sombras negras o lageado frio, era o meu vulto, a minha coisa viva que se arrastava poeticamente por sob aquela janela!

Era um balcãosito, que deitava para um jardim, com craveiros e mangericos viçosos e uma trepadeira caprichosa, serpenteando, engrinaldando as vidraças brancas pelo luar.

Lá dentro, uma sombra gentil, certa, metódica, regular e franzina, de linhas impecáveis, esperava-me, e palpitava comigo no silêncio da noite.

Eu seguia lento, compassado, sentindo o seu olhar pousado sôbre o meu vulto, esperando-me na sombra.

A' esquina, ao longe, eu parava para fitar mais uma vez aquela forma pequenina e parecia distinguir mais erguida, debruçada, a sua *silhouette* negra, enviando-me o último adeus em pensar.

Tinha eu pobre trovador receio inexcedível de quebrar aquele encanto! Quantas injúrias, desilusões, votadas pelo cinismo humano, não iriam cair abrutamente sôbre mim?

Ao menos, neste vago miticismo que nos atraia, neste liame secreto que nos unia, residia, acabrunhada, toda a beleza e graça dum ideal!

Alma frágil, prêsa, acorrentada num martírio que a fazia anciar pela libertação, alma ávida de palavras, de amor, ternuras nunca ouvidas da bôca purpúria duma madrasta megera!

Minha alma sonhadora, pálida Maria, em êxtase diante dum ideal impossível nunca imaginado de obter.

Que de pensar!!

Estava quási defronte da janelinha gentil e, pela primeira vez, senti alguma coisa a impedir-me para escutar as suas palavras.

Abeirei-me a passos lentos e achei-me sob as suas janelas, tam perto que quási distinguia o arfar leve dos seiosinhos túmidos e desabrochantes.

Devia ser linda, por certo!

Quis falar e nada me ocorria; uma banalidade servia, mas... mas nem isso me assomava à bôca.

E pensando assim, continuava vagarosamente, ouvindo não se quê no meu espírito, talvez o triturar dos animais que de perto me escutavam.

Agora já não via, como naquela noite, quando o luar se escondia, sem deitar aquele polvilhado de prata sôbre os cabelos fartos, a figura esbelta e delicada daquele ser que para mim era todo enlevo.

Via apenas a sombra austera dum noctívago que com voz cavernosa se abeirou de mim.

Reconheci-o. Era o Alvaro, o Alvaro apressado no andar e *veloz* no falar.

Já não sentia a afável voz daquele ente. Sentia apenas o estrebuchar da fome dentro daquele peito.

Em vez da aragem que outrora me bafejava sentia agora a respiração opressora daquele miserável.

Mas, no meio destas considerações sua voz rebentou qual o ribombar do trovão entre montanhas e meus sentidos aniquilaram-se e eu era vítima das terríveis mãos dêste desgraçado.

Não pude ocultar por mais tempo a garra do meu demónio; apenas tratei de mitigar estas dôres com a unção não sei de que esperança.

E o coraçãosinho, frágil de andorinha, insatisfeito, veiu à janela e a sua sombra pequenina, inquieta, sôfrega, murmurou baixo e meigo:

—Cuidado! cuidado!

E a sombra estendeu os braços com qualquer objecto até então oculto, rebentou numa voz grossa e rouquenha:

—Miserável! és tu que assim atormentas o meu viver?

—O' Fatalidade! era um sonho.

Só tu sabes.

PADARIA COSTA CARNEIRO

RUA DE PAIO GALVÃO

(em frente à Praça do Mercado)

A casa que em Guimarães vende todos os artigos concernentes ao seu negócio, tais como:

Esplêndidos *bijous* e saborosos biscoitos.

Grandes depósitos de farinhas, etc.

Visitem a

Padaria Carneiro

Farmacia Cunha Mendes

Sob a direcção do hábil farmaceutico

Alfredo Leão Martins

Rua da República—GUIMARÃES

Nesta acreditada farmácia encontra-se à venda todos os artigos medicinais e especialidades estrangeiras.

SERVIÇO PERMANENTE

QUEREM-SE CALÇAR?

Vão à Sapataria Académica, de

AUGUSTO FARIA,

onde se encontra o melhor sortido de calçado de luxo para homem, senhora e criança.

PREÇOS BARATISSIMOS

Rua de S. Paio—GUIMARÃES

Casa Funerária de JOAQUIM NOVAIS

Rua de Dr. Bento Cardozo—GUIMARÃES

Executa com prontidão toda e qualquer encomenda que lhe seja solicitada.

Trabalho esmerado e preços módicos

Se quereis saborear o bom café experimentai a inegualavel marca **DELICIOSO** que se vende na

CASA MARTINS,

Rua da República, em frente ao mercado do leite.

Neste mesmo estabelecimento se encontra um bom sortido de mercearia e confeitaria; especialidade da casa—**Queijo da Serra da Estrela.**

VISITAI A CASA MARTINS

FOTOGRAFIA MODERNA DE DOMINGOS ALVES MACHADO

Rua de S. Damaso — Guimarães

Executa-se com prontidão, nesta bem montada fotografia, todos os trabalhos que lhe forem requesitados

PREÇOS RASOAVEIS

VAGO

O MELRO

Publicaçeo quinzenal

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adeantado)

Mensal... ... ... 40 rs.

Número avulso. ... ... 20 „

Pelo correio aumenta 60 réis, para o porte e cobrança.

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.

Repetição, por linha... ... ... 20 „

Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

O MELRO

Publicação quinzenal

Ex.mo Sr.

Sociedade Martins Sarmento

Guimarães